

Uma coronel de saias no interior paulista: Iria Alves Ferreira – a Rainha do Café.

Rafael Cardoso de Mello
(UNESP/Franca)

Este texto é parte da pesquisa que venho me debruçando sobre uma personagem chamada Iria Alves Ferreira, conhecida por muito como a Rainha do Café, durante as duas primeiras décadas do século XX. Tal trajetória está intimamente ligada a da cidade de Ribeirão Preto, localizada no nordeste do Estado de São Paulo. Denominada de São Sebastião do Ribeirão Preto e também de Entre Rios, o município foi fundado em 1856 (data em que houve a doação de terras para formação do patrimônio), um pequeno povoado que se emancipava de São Simão formava-se com a marca da migração mineira, gente que fugia da decadência da economia aurífera e reproduzia em terras paulistas uma economia de subsistência tipicamente proveniente de seu estado de origem.

Iria Alves Ferreira nasceu em uma cidade chamada Santo Antonio do Machado¹, Estado de Minas Gerais. Assim como seu pai Antônio Honório Alves Ferreira, são mineiros que vieram fazer a vida no vizinho estado do sul, lá pelos meados do século XIX. Seu pai nasceu em Campanha, no ano de 1828 e faleceu com setenta anos de idade em 1898, tempo que o município já se estabelecia como o grande exportador de café do Brasil! Menos de 30 anos foram precisos para que o pequeno povoado fosse internacionalmente reconhecido, e a isso, Ribeirão deve ao café e a seus frutos. Em 1883, com a implementação dos trilhos da Companhia Mogiana, principiava uma longa e proveitosa comunicação com o mercado externo. A partir daí a cidade passou a ser conhecida como a “*Petit Paris*”²!

O título de Rainha do Café foi adquirido após a morte de seu primeiro marido em fins do XIX³, quando “gerenciou”⁴ os negócios da Fazenda Pau Alto (onde hoje se localiza o município de Cravinhos), considerada uma das maiores fazendeiras locais. Em tabela construída por Jorge Henrique Caldeira de Oliveira, a partir de dados coletados em escrituras de compra e venda de

¹ Como Iria Alves Ferreira declara em seu Testamento. 1º. Ofício Civil. Cx. 228-A. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

² Conforme notamos no *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto*, datado de 1913. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

³ A morte de seu marido (Luiz da Cunha Diniz Junqueira) é difícil ser datada. A *Revista Brazil Magazine* de 1911, diz que ele faleceu a mais de 15 anos. Já outra publicação “*Ruas e Caminhos de Ribeirão Preto*”, cita que foi vereador de 1881 a 1886, p.321.

⁴ Alexandre Silva foi um dos administradores contratados para gerenciar os negócios da “*Pau Alto*”. Também é citado em diversas fontes como ajudante/cúmplice no “Crime de Espreado”.

imóveis do 1º Cartório de Notas de Ribeirão Preto, percebemos sua posição frente aos demais negociantes da cidade:

TABELA X
Dez maiores negociantes por somatório de compras e vendas em Ribeirão Preto entre 1889-1930 (em valores reais)

| NEGOCIANTE | SALDO |
|-------------------------------|----------------|
| Francisco Schmidt | 3.233:674\$975 |
| Arthur de Aguiar Diederichsen | 1.222:612\$357 |
| Iria Alves | 734:054\$000 |
| João Franco de Moraes Octávio | 617:182\$987 |
| Domiciano Leite de Assis | 526:334\$466 |
| Antônio Silvério de Alvarenga | 483:029\$577 |
| Antonio Barboza Ferraz Júnior | 477:066\$248 |
| Joaquim Ignácio da Costa | 416:663\$826 |
| Francisca Silveira do Val | 377:641\$184 |
| Fernando Ferreira Leite | 366:148\$346 |

Fonte: OLIVEIRA, J. H. C. **Ribeirão Preto na República Velha:** economia e riqueza através das transações imobiliárias. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006, p.201.

Nos causa surpresa perceber duas mulheres, durante a transição do século XIX para o XX, ocupar posição tão privilegiada. Num tempo em que Ribeirão Preto ocupava lugar de destaque neste mundo cafeeiro, quando homens comandavam os negócios e os rumos do mesmo, Iria Alves Ferreira chamou a atenção por ser a terceira maior negociante, enquanto títulos hierárquicos como “Reis e Coronéis” eram representativos do poderio e da influência nacionais desta plêiade coronelesca durante a República Velha.

Segundo a Revista Brazil Magazine de 1911, verifica-se que a Rainha do Café tinha suas atenções voltadas para várias práticas econômicas, ou seja, uma diversificação de seus negócios. Café, gado, indústria de laticínios e criação, são materializações de sua “inteligência”, como informa o periódico:

Nas margens do imponente rio Pardo, possui também a senhora Dona Iria uma outra vasta propriedade com seiscentos alqueires de terras em matas virgens e nas quais já está iniciada uma bela lavoura cafeeira de cem mil pés e uma grande indústria pastoril com quinhentas cabeças do melhor e mais puro gado caracu, que pasta vigoroso e luzido mas viçosas invernadas que margeiam o grande rio. A indústria de laticínios e a criação, aí se

desenvolvera de um modo prático e moderno e de acordo com a grande iniciativa da inteligente proprietária.⁵

Traço incomum mulheres detentoras de tal poderio econômico e status social. Ainda mais em um país de tradições patriarcais tão bem definidas. Quanto a estas tradições, lembremo-nos de Gilberto Greyre, quando o mesmo descreve a relação de senhores e escravos em uma trajetória do mandonismo brasileiro:

[...] sobre o filho de família escravocrata no Brasil agiam influencias sociais – a sua condição de senhor cercado de escravos e animais dóceis – induzindo-o a bestialidade e ao sadismo. Este, mesmo dessexualizado depois, não raro guardava em várias manifestações da vida ou da atividade social do indivíduo, aquele “*sexual undertone*”, que segundo Pffister, “*is never lacking to wellmarked sadistic pleasure*”. Transforma-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários – tantas vezes manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nele ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública; ou no simples e puro gosto do mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. Gosto que tanto se encontra, refinado num senso grave de autoridade e de dever, num Dom Vital, como abrutalhado em rude autoritarismo num Floriano Peixoto.

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstancia econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem; criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. Não convém, entretanto, esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúmes ou inveja pessoal.⁶

A Rainha do Café teve de lidar estas longas durações para caminhar junto aos “Coronéis” do período. Nos idos de 1904, o “império do café” se constituía por invejosas cifras, posto que as grandes propriedades de Francisco Schmidt, Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, Iria Alves Ferreira, Manoel Maximiano Junqueira, Martinho Prado Júnior e da Companhia Agrícola Dumont “possuíam, juntas, quase 15 milhões de cafeeiros espalhados pelo Estado”!⁷

Segundo o historiador Jonas Rafael dos Santos, apesar do número de mulheres responsáveis pelas fazendas de café ser bem menos expressivo, podemos afirmar que elas “*tornavam-se cafeicultoras, principalmente após a morte do marido, já que, enquanto estivessem casadas, o marido tomava conta dos negócios e, enquanto solteiras, estes eram de responsabilidade dos seus*

⁵ Revista Brazil Magazine de 1911.

⁶ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 45ª. ed. Editora Record: Rio de Janeiro, 2001, p.122-123.

⁷ DOIN, José Evaldo de Mello; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; CUELLO, Josué Peroni. *A saga de Ribeirão Preto na Belle Époque caipira: modernidade e urbanização na Primeira República*. **Dialogus**. Ribeirão Preto, v.1, n.2, 2006, p.140.

pais ou de seus irmãos”⁸. Desta forma, percebemos que a Primeira República carregou aquelas tradições citadas anteriormente que revelam uma determinada sociedade patriarcal, a qual a figura de Iria foge a regra e se apresenta como um diferencial, mulher em meio a um universo masculino por excelência.

Podemos citar também a figura de Iria Alves Ferreira: [...] Quem não conhecerá, pois, entre os muitos nomes de fazendeiros importantes deste município, o da exma. snra. d. Iria Alves Ferreira, a benemerita senhora cuja acção altruísta e caritativa se faz sentir em todas as instituições, em todas as iniciativas que d’essas qualidades necessitam? Quem não terá ouvido falar com respeito e veneração da ‘Rainha do Café’?⁹

Citar uma mulher como “exma. snra. d.” é denunciativo. Para um Almanach que cita também (em outras páginas) figuras masculinas de prestígio nacional e internacional como Francisco Schmidt (O “Rei do Café”), Iria carregava consigo na década de 1910 uma representação coronelesca digna de atenção e análise.

O que também é nítido em outra publicação. No ano de 1911, os autores da *Brazil Magazine*, *Revista Illustrada d’Arte e Atualidades*, dedicaram um número especial à cidade: “Ribeirão Preto Le Pays du Café”, cuja descrição de D. Iria era feita com as seguintes palavras:

A senhora Dona Iria Alves é incontestavelmente a ‘Rainha do Café’, no Estado de São Paulo, o que quer dizer em todo o Brasil e mesmo em todo o Universo; pois nos demais países que se trabalha esta cultura, não existem propriedades cafeeiras tão importantes como as grandes fazendas de Ribeirão Preto.

Nas margens do imponente rio Pardo, possui também a senhora Dona Iria uma outra vasta propriedade com seiscentos alqueires de terras em matas virgens e nas quais já está iniciada uma bela lavoura cafeeira de cem mil pés e uma grande indústria pastoril com quinhentas cabeças do melhor e mais puro gado caracu, que pasta vigoroso e lizado mas viçosas invernadas que margeiam o grande rio. A indústria de laticínios e a criação, aí se desenvolvera de um modo prático e moderno e de acordo com a grande iniciativa da inteligente proprietária.¹⁰

Segundo este periódico, a fazendeira concentrou seus interesses na lavoura cafeeira, porém, tinha visão empreendedora. Trabalhou com outros gêneros, como as citadas indústrias de laticínios e criação. Foram cerca de 12 mil exemplares, destinados “a serem distribuídos na exposição universal de Turim”¹¹, que a propagandeavam internacionalmente:

⁸ SANTOS, J. R. **As transformações de riqueza em Ribeirão Preto, 1920-1950**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.159.

⁹ ALMANACH ILLUSTRADO de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto: Sá, Mania & Cia, 1913, 85-87.

¹⁰ *Revista Brazil Magazine* (1911).

¹¹ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.50.

Viúva de um dos membros mais influentes da família Junqueira, abastado agricultor falecido há mais de quinze anos, a senhora Dona Iria viu-se em um momento dado com enorme responsabilidade da educação de numerosa família e da pesada direção do seu grande estabelecimento agrícola.

Em meio do seu desamparo moral e quase material, não lhe faltaram as qualidades de energia rara e de máscula força de vontade que são as características dos seus sentimentos; e desenvolvendo uma atividade pouco comum em uma senhora iniciou corajosamente a administração geral dos seus bens, ao mesmo tempo que mãe atenta e extremosa, consagrou-se de corpo e alma a educação de seus filhos.

“M máscula força”? Estamos frente a um ponto revelador desta descrição. Antes de prosseguir, indaguemos: quais seriam os adjetivos necessários para que um fazendeiro obtivesse sucesso? Provavelmente ter, nos momentos necessários, máscula força. A “masculinização” de Iria, por meio da descrição da *Brazil Magazine* convida-nos a interpretar uma tensão no mínimo curiosa sobre as maneiras com que esta atriz lida com o mundo em sua volta.

Ser fazendeiro, como Jonas dos Santos nos lembrou, não era ofício de mulher, posto que tal sociedade pretérita vestia os desejos patriarcais. Iria se via mulher (fraca) frente ao mundo fortemente masculino, e em face disso, provavelmente desenvolveu uma representação também masculina para melhor jogar, negociar, enfim, lidar com as negociatas que a sociedade do *coffee business* exigia.

Ainda aproveitando a mesma citação, percebemos uma atribuição feminina: a maternidade. “Mãe atenta e extremosa” é uma necessidade de lembrar ao leitor que mesmo tal força máscula não proibiu Iria de exercer seu dever como cristã ao utilizar-se de seu dom feminino maior. Ser mãe foi carinhosamente se preocupar com os filhos, e em especial, com a educação deles.

Notamos então uma estratégia discursiva deveras interessante, se atinarmos para a construção da imagem “Iria” enquanto “mãe atenta e extremosa”. Lembremo-nos de que a cafeicultora faz parte de uma longa duração denominada *Ocidente Cristão*, e que nesta escala de observação, a representação de mãe muda conforme o tempo, contudo, após o advento do cristianismo será pautada pela dualidade moral Maria X Eva. Ser (boa) Mãe era se aproximar da Santa Maria e distanciar-se da pecadora Eva.

Em seu Testamento¹² declarou-se cristã, apostólica romana, e deixou vinte e cinco contos de réis para a Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto (Santa Casa). Informações que vão de encontro com aquelas encontradas na *Brazil Magazine*, legitimando tal posicionamento benevolente, entretanto, vários outros testamentos do mesmo período tinham o mesmo procedimento, o que não

¹² Testamento de Iria Alves Ferreira. 1º. Ofício Civil. Cx. 228-A. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

nos permite afirmar tal característica. No caso da Revista Brazil Magazine, a religião também foi mencionada:

Cristã fervorosa e sincera, muito deve a Igreja e o Bispado, ao valioso auxílio da senhora Dona Iria, e nas diversas obras pias e religiosas do Município ela tem sido incansável colaboradora, pelas importantes contribuições que tem fornecido...¹³

A documentação pode nos iludir ao buscar o passado e isto não é novidade para o historiador. De Rainha do Café, mãe atenta e extremosa, cristã, benevolente e possuidora de máscula força, novas facetas de Iria são iluminadas pelas lentes de Clio. A Coroa que antes brilhava majestosamente no trono florido de café teve de lidar com um fato novo – ser apontada como a mandante de um crime!

22 de Maio de 1920. A polícia de Cravinhos recebeu a seguinte informação: um corpo fora encontrado na região do Espreado, território responsável pela divisa entre Cravinhos e Ribeirão Preto. O cadáver era um homem que parecia ter sido assassinato na véspera e carregava traços assustadores, pois o rosto havia sido descarnado, as orelhas e a língua cortadas, além de mutilações percebidas no crânio e ferimentos e perfurações nas costas e no ventre.¹⁴

Um crime horrendo havia ocorrido às margens da *petit Paris*. “*Imediatamente, o delegado de Cravinhos, dr. Horta de Andrade, comunicou o fato à delegacia regional de Ribeirão Preto e policiais das duas cidades dirigiram-se ao local.*”¹⁵ Depois de prender e interrogar alguns suspeitos, a polícia conseguiu a confissão de um deles, e por conseqüência seus cúmplices – José Sant’Anna e seu filho Antônio Sant’Anna, mais os “pretos” Romualdo Serapião e Praxedes José da Silva.

O crime de Cravinhos como foi conhecido, segundo o Jornal O Estado de São Paulo¹⁶, foi planejado por Iria Alves Ferreira e Alexandre Silva (fazendeiro e administrador geral de suas fazendas). O plano seria o seguinte: Alexandre Silva procurou Virgínio Bim, responsável pela administração da fazenda Santa Rosa (propriedade de uma das netas de Iria), com o propósito de solicitar alguns homens para o assassinato. Desta forma, José e Antônio Sant’Anna foram selecionados para o papel, e por iniciativa própria, os Sant’Anna convidaram mais ajudantes, Romualdo e Praxedes, negros que trabalhavam nas terras da própria cafeicultora.

Os jornais faziam sua parte para aumentar a repercussão do crime. Na capital, o jornal *O Parafuso*, cobrava das autoridades a devida apuração dos fatos e suas respectivas punições. No

¹³ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos**: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.51.

¹⁴ JORGE, Janes. **O crime...** Op. cit., p.08.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Ler o artigo intitulado “O crime de Cravinhos”, Jornal *O Estado de São Paulo*, 13.08.1920, p.05. In: JORGE, J. **O crime...** op. cit., p.09.

periódico de 15 de Dezembro do mesmo ano, traziam a seguinte manchete em letras garrafais: “*ESTÁ DESCOBERTA A IDENTIDADE DA VICTIMA DO PAU ALTO*”, e, logo abaixo pequenos reclames – “*Alphonse Defforge foi barbaramente assassinado sob a ordem da ‘Rainha do Café’*”; “*O cônsul francês em São Paulo até agora não deu nenhuma providência*”; “*o Sr. Washington Luís é o único responsável pela impunidade dos bandidos milionários*”.¹⁷

Para Janes Jorge, esta campanha exaustiva ia se intensificando quanto mais perto chegava a data do julgamento do recurso que os advogados de Iria Alves Ferreira apresentaram ao Tribunal de Justiça de São Paulo. Segundo o historiador, este estratagema tinha duas finalidades: a primeira, de influenciar a decisão dos ministros do respectivo Tribunal e, a segunda, de criar uma atmosfera “*senão favorável, ao menos tolerante com uma possível absolvição*”.¹⁸

Desta sorte, os defensores protegiam a cafeicultora de qualquer reação da população desencadeada por um sentimento de impunidade. A campanha promovida por estes fiéis combatentes não promovia na população a crença na inocência, “*embora convencesse a muitos, tão só pelas proporções que alcançara e pelos recursos e homens que mobilizava*”.¹⁹

E por fim, com o auxílio de todos os seus paladinos, o Tribunal acatou o recurso, entendendo a denúncia contra Iria Alves Ferreira e Alexandre Silva impropriedade, libertando-os, sem outros julgamentos. Praxedes, Justino, Romualdo e os Sant’Anna ainda permaneceram presos.

Iria nunca mais voltou a Ribeirão Preto, fixando residência em São Paulo juntamente com sua família. O delegado Accacio Nogueira perdeu o posto de chefe do Gabinete de Investigações e Capturas. Silva Carvalho, o delegado regional de Ribeirão Preto, foi transferido. O subdelegado Ramos foi demitido. Assim como grande parte de seus advogados ganharam cargos políticos, ou prestígio com um de seus parentes, Quinzinho da Cunha, chefe do PRP.

Conscientes de que este fragmento da pesquisa é apenas o início de uma grande problemática, finalizo na esperança de que o leitor se sensibilize com a revisão da noção de coronelismo empregada pela historiografia. Este coronelismo experienciado pela Rainha do Café deve ser alvo de nossas atenções, um coronelismo de saias, permitindo vir a tona “donas do poder”.

E se vamos falar de mulher, nada melhor do que lembrarmos de Balzac:

¹⁷ Jornal *O Parafuso*. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

¹⁸ JORGE, J. **O crime...** op. cit., p.121.

¹⁹ Idem.

A bela Paris ignora tais figuras pálidas de sofrimentos morais ou físicos. Mas Paris é um verdadeiro oceano. Atire a sonda e jamais conhecerá sua profundidade. Percorra-a, descreva-a! Por mais cuidado que tenha ao percorrê-la, ao descrevê-la, por mais numerosos e interessados que sejam os exploradores desse mar, sempre se encontrará um lugar virgem, um antro desconhecido, flores, pérolas, monstros, algo extraordinário, esquecido pelos mergulhadores literários.²⁰

Referências bibliográficas

Almanach Illustrado de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Sá, Mania & Cia, 1913.

BALZAC, H.. **O pai Goriot**. Trad. Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006.

CIONE, R. **História de Ribeirão Preto**. V. 5. 1. ed. Ribeirão Preto: IMAG, 1987.

_____. **Revivências na História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1994.

DOIN, J. E. M. *Olhar, desejo e paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864 – 1930)*. In: _____.; PEREIRA, R. M. (orgs.) **A Belle Époque Caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP-FHDSS/CEMUNC, 2005.

JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

LOBATO, J. B. R. M. **A barca de Gleyre**. 1º Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1950.

OLIVEIRA, J. H. C. **Ribeirão Preto na República Velha: economia e riqueza através das transações imobiliárias**. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920)**. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

SILVA, B. L. **O rei da noite na eldorado paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880 –1930)**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000.

²⁰ BALZAC, H.. **O pai Goriot**. Trad. Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.28.